**Título**

Coragem de enfrentar a realidade

|

**Subtítulo**

Luís se considera plenamente realizado e diz que conquistou essa condição por ter vencido importantes desafios na juventude. Hoje, como cozinheiro, prepara deliciosos pratos com a mesma alegria que se dedica à felicidade das pessoas

|

**Por**

Redação

|

**Categoria**

Relato

|

**Imagens**

20112017-relato-Coragem-de-enfrentar-a-realidade.jpg

|

**Legenda**

Luís apresenta um dos pratos que prepara no restaurante onde trabalha na Barra da Tijuca, RJ

|

**Data**

|

**Fonte**

Brasil Seikyo, ed. 2.359, 11 fev. 2017, p. A4

|

**Tags**

Relacionamento; família; trabalho; dificuldade financeira; criminalidade

|

**Texto**

Luís Guilherme de Oliveira França; 36 anos, Rio de Janeiro, RJ; resp. pela DMJ da RM Madureira e pelo Sokahan da Sub. Leopoldina, CRJ  
  
Nasci em Nova Iguaçu, RJ. Quando tinha 10 anos, minha mãe, Maria Helena, faleceu no parto da minha irmã Elizama. Eu sentia falta do seu carinho, pois meu pai sempre foi autoritário e distante afetivamente.   
Com o falecimento dela e a situação financeira difícil, Elizama foi morar com parentes, Noemi, minha outra irmã, ficou com a amiga de minha mãe, e meu pai procurou vizinhos para tomarem conta de mim. Passei por mais de trinta famílias em dois anos.   
Minha mãe havia trabalhado como empregada da família da vó Narcisa, como eu a chamava. A vó soube das condições em que eu estava vivendo e decidiu me adotar. Passei a morar com meu avô Artur e com Marcelo, filho único do casal.  
Passei a estudar num bom colégio, mas era alvo de brincadeiras. Em um desses momentos, um homem apareceu e me defendeu. Ele me chamava para dirigir vários carros no morro. Aquele cenário de poder alimentava meu ego e ódio. Estava com 14 anos.  
Entorpecentes faziam parte da minha vida. Meu comparsa que liderava os roubos foi pego pela polícia e recebi o convite para assumir seu posto e aceitei.

Minha vida era uma desordem total e não acreditava que sairia daquela situação.  
Noemi foi morar conosco em 1997. Brigávamos muito. Ela conheceu o budismo, começou a mudar sua vida e a me tratar bem mesmo eu sendo rude com ela. Isso me tocou e senti a grandiosidade do budismo. Cheguei a ponto de não conseguir mais agredi-la.  
Em 1999, o Gohonzon foi consagrado em casa, comecei a participar de algumas atividades e a fazer daimoku para não ser pego ou morrer nos roubos.  
Depois de seis meses de prática, fui pego pela polícia durante um assalto e quase fui morto. Decidi mudar de vida.  
Os rapazes da organização sempre me visitavam e me incentivavam a vencer. Eles nunca me abandonaram. Foi esse companheirismo que me possibilitou revolucionar a vida.  
Alguns integrantes da facção foram presos e outros morreram. Nunca mais me procuraram.  
Sou casado com Monique, um dos seres humanos mais dignos que já conheci, também membro da BSGI. Trabalho como cozinheiro numa reconhecida pizzaria e sou feliz em minha profissão. Este ano concluirei o curso de gastronomia.   
Sinto orgulho de ser budista e grato por ter superado a condição de quem eu era para me tornar quem sou hoje.   
Hoje meu pai e eu somos grandes amigos e também revolucionou sua vida. Tenho profunda gratidão por minha família adotiva e somos uma família muito feliz.  
Dedicarei sempre meus esforços para a felicidade dos jovens da minha localidade para que se desenvolvam como pessoas de grande valor para o futuro da humanidade.

|